

# O Livro de Daniel - Número Cento e Sessenta e Cinco

*Desvendando a tapeçaria profética: de Alexandre, o Grande, a Roma moderna*

Jeff Pippenger

2024-03-29

Agora consideraremos a história que ocorreu após a morte súbita de Alexandre, o Grande, a qual representa desde o ano 538 até o tempo do fim, em 1798.

E quando ele se levantar, o seu reino será quebrado, e será dividido para os quatro ventos do céu; e não para a sua posteridade, nem segundo o domínio que exerceu; pois o seu reino será arrancado e dado a outros, além destes. E o rei do sul será forte, e um dos seus príncipes; e este será mais forte do que ele e terá domínio; o seu domínio será um grande domínio. E, no fim de anos, se aliarão; pois a filha do rei do sul virá ao rei do norte para fazer um acordo; porém ela não conservará a força do braço; nem ele permanecerá, nem o seu braço; mas ela será entregue, assim como os que a trouxeram, e o que a gerou, e o que a fortaleceu nesses tempos. Mas de um rebento das suas raízes se levantará um em seu lugar, que virá com um exército e entrará na fortaleza do rei do norte, e agirá contra eles e prevalecerá; e também levará cativos para o Egito os seus deuses, com os seus príncipes e com os seus preciosos vasos de prata e de ouro; e ele permanecerá mais anos do que o rei do norte. Assim, o rei do sul virá ao seu reino e voltará para a sua terra. Daniel 11:4-9.

Com o tempo, depois que o reino de Alexandre, o Grande, foi desmembrado, os que disputavam o controle do antigo reino se reduziram a dois reinos principais. Um reino passou a controlar o sul do antigo império de Alexandre e o outro, o norte. A partir desse momento, na narrativa profética, eles são identificados simplesmente como o rei do sul e o rei do norte. Quando a luta pela dominação mundial chega ao ponto de ser retratada apenas entre o rei do norte e o rei do sul, os símbolos desses dois reinos continuam ao longo de todo o capítulo.

No versículo cinco, o rei do sul é estabelecido, e ele é forte, mas o rei do norte também é forte e o seu reino é maior. Então, no versículo seis, o rei do sul propõe uma aliança com o reino do norte. O tratado de paz é assegurado pelo rei do sul ao dar sua filha ao rei do norte, para que o rei do norte pudesse casar-se com ela e ratificar a aliança deles por meio de um vínculo familiar. O rei do norte concordou, repudiou sua esposa e casou-se com a princesa do sul, e a aliança foi iniciada.

Por fim, a princesa do sul dá à luz um filho varão, mas, em última instância, o rei do norte se cansa de sua nova esposa e a repudia, como havia feito com sua primeira esposa, e torna a receber sua primeira esposa; porém, assim que a esposa original é restaurada e tem oportunidade, ela mata o rei do norte, sua noiva do sul, o filho dela e toda a sua comitiva egípcia. O ato da esposa original de assassinar a princesa do sul e seu filho enfurece a família da princesa do sul, e um de seus irmãos levanta um exército e ataca o reino do norte.

O exército do sul prevalece sobre o rei do norte, e a primeira esposa, que havia assassinado o rei do norte, sua esposa do sul e seu filho, é então executada. O filho da primeira esposa, que havia sido instalado como rei do norte após a morte do pai, é capturado e levado de volta ao Egito pelo rei do sul, juntamente com alguns artefatos e ídolos egípcios que haviam sido tomados do reino do sul pelo rei do norte em batalhas anteriores. Já no Egito, o rei do norte capturado cai de um cavalo e morre. Uriah Smith identifica a história da seguinte forma.

VERSÍCULO 6. E, ao cabo de anos, se aliarão; pois a filha do rei do sul irá ao rei do norte para fazer um acordo; mas ela não conservará a força do braço; nem ele permanecerá, nem o seu braço; mas ela será entregue, e os que a trouxeram, e o que a gerou, e o que a fortaleceu nestes tempos.

Houve frequentes guerras entre os reis do Egito e da Síria. Isso foi especialmente verdadeiro no caso de Ptolemeu Filadelfo, o segundo rei do Egito, e Antíoco Teos, o terceiro rei da Síria. Por fim, concordaram em fazer a paz com a condição de que Antíoco Teos repudiasse sua antiga esposa, Laódice, e seus dois filhos, e se casasse com Berenice, filha de Ptolemeu Filadelfo. Assim, Ptolemeu levou sua filha a Antíoco, concedendo-lhe, com ela, um dote imenso.

'Mas ela não conservará o poder do braço;' isto é, seu prestígio e poder junto a Antíoco. E assim aconteceu; pois, pouco tempo depois, num acesso de paixão, Antíoco trouxe de volta sua antiga esposa, Laódice, e os filhos dela, à corte. Então diz a profecia: 'Nem ele [Antíoco] ficará firme, nem o seu braço', isto é, a sua descendência. Laódice, restabelecida em favor e poder, temia que, pela inconstância de seu temperamento, Antíoco voltasse a desonrá-la e chamasse de volta Berenice; e, entendendo que nada menos que a morte dele seria uma salvaguarda eficaz contra tal eventualidade, mandou envenená-lo pouco depois. Tampouco os filhos que tivera com Berenice o sucederam no reino; pois Laódice conduziu os negócios de modo a assegurar o trono para seu filho mais velho, Selêuco Calínico.

Mas tal iniquidade não poderia permanecer por muito tempo impune, como a profecia também prediz, e como a história posterior o comprova.

'VERSÍCULO 7. Mas de um rebento de suas raízes levantar-se-á alguém em seu lugar, que virá com um exército, entrará na fortaleza do rei do norte, procederá contra eles e prevalecerá; 8. Também levará cativos para o Egito os seus deuses, com os seus príncipes e com os seus preciosos vasos de prata e de ouro; e durará mais anos do que o rei do norte. 9. Assim o rei do sul entrará no seu reino e voltará para a sua própria terra.'

Esse rebento da mesma raiz que Berenice era seu irmão, Ptolemeu Euergetes. Mal sucedeu a seu pai, Ptolemeu Filadelfo, no reino do Egito, quando, ardendo por vingar a morte de sua irmã, Berenice, levantou um exército imenso e invadiu o território do rei do norte, isto é, de Selêuco Calínico, que, com sua mãe, Laódice, reinava na Síria. E prevaleceu contra eles, a ponto de conquistar a Síria, a Cilícia, as partes superiores além do Eufrates e quase toda a Ásia. Mas, ao ouvir que se levantara uma sedição no Egito requerendo seu retorno, saqueou o reino de Selêuco, levou quarenta mil talentos de prata e vasos preciosos, e duas mil e quinhentas imagens dos deuses. Entre estas estavam as imagens que Cambises havia outrora tomado do Egito e levado para a Pérsia. Os egípcios, sendo inteiramente dados à idolatria, conferiram a

Ptolemeu o título de Euergetes, ou Benfeitor, como um elogio por ter assim, após muitos anos, restituído seus deuses cativos.

Isto, segundo o bispo Newton, é o relato de Jerônimo, extraído de historiadores antigos; mas, diz ele, há autores ainda extantes que confirmam vários dos mesmos pormenores. Apiano informa que, tendo Laódice matado Antíoco e, depois dele, tanto Berenice como seu filho, Ptolomeu, filho de Filadelfo, para vingar esses assassinatos, invadiu a Síria, matou Laódice e avançou até a Babilônia. De Políbio aprendemos que Ptolomeu, cognominado Euergetes, estando profundamente indignado com o tratamento cruel dispensado à sua irmã, Berenice, marchou com um exército para a Síria e tomou a cidade de Selêucia, a qual, durante alguns anos, foi mantida por guarnições dos reis do Egito. Assim entrou ele na fortaleza do rei do norte. Polieno afirma que Ptolomeu fez-se senhor de toda a região desde o Monte Tauro até a Índia, sem guerra nem batalha; mas, por engano, atribui-o ao pai em vez do filho. Justino afirma que, se Ptolomeu não tivesse sido chamado de volta ao Egito por uma sedição interna, teria possuído todo o reino de Seleuco. Assim o rei do sul entrou no domínio do rei do norte e voltou à sua própria terra, como o profeta havia predito. E também viveu mais anos do que o rei do norte; pois Seleuco Calínico morreu no exílio, em decorrência de uma queda do cavalo; e Ptolomeu Euergetes sobreviveu-lhe por quatro ou cinco anos. Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 250-252.

Uma característica profética de Roma e, portanto, do rei do norte, é que, para ser estabelecido no trono, três obstáculos geográficos devem ser conquistados. O primeiro rei do norte, após o desmembramento do reino de Alexandre, foi estabelecido por Seleucus Nicator, que havia servido como general de Ptolemy (o rei do sul) por um curto período entre 316 e 312 a.C. O versículo cinco aborda esse fato ao afirmar: “E o rei do sul será forte, e um de seus príncipes; e este será mais forte do que ele.” Ptolemy era o rei do sul, e ele tinha um general (um de seus príncipes) que estava destinado a se tornar mais forte do que Ptolemy, e a frase final do versículo cinco diz: “e terá domínio; o seu domínio será um grande domínio.” O general de Ptolemy, Seleucus, tornar-se-ia o primeiro rei do norte. Mas, para que Seleucus se tornasse o rei do norte, ele precisaria separar-se do rei do sul e, depois, conquistar três áreas geográficas.

A primeira região conquistada por Seleuco foi o Oriente em 301 a.C. Depois, ele conquistou o Ocidente (que estava sob o controle do sucessor de Cassandro) em 286 a.C., e então tomou o seu terceiro território no Norte quando conquistou Lisímaco em 281 a.C. O rei do Norte foi estabelecido no trono em 281 a.C.

O tratado de paz que foi posteriormente celebrado com o rei do sul ocorreu em 252 a.C. Seis anos depois, em 246 a.C., Berenice (a princesa do sul), seu filho e toda a sua comitiva foram mortos. Depois disso, o rei do sul capturou o filho de Laodice, Seleucus Callinicus, e levou-o de volta ao Egito, onde ele morreu ao cair de um cavalo. O reinado do primeiro rei do norte foi de 281 a.C. até 246 a.C., o que equivale a trinta e cinco anos.

O primeiro rei do norte, no capítulo onze, conquistou três obstáculos geográficos a fim de ser estabelecido no trono. Roma pagã também conquistou três obstáculos geográficos a fim de ser estabelecida no trono [Veja Daniel 8:9], e Roma papal conquistou três obstáculos geográficos a fim

de ser estabelecida no trono [Veja Daniel 7:20]. Roma moderna também conquista três obstáculos geográficos a fim de ser estabelecida no trono [Veja Daniel 11:40-43].

Uma vez estabelecido no trono, o primeiro rei do norte governou por trinta e cinco anos. Uma vez estabelecida no trono, a Roma pagã governou por um “tempo” (trezentos e sessenta anos). Uma vez estabelecida no trono, a Roma papal governou por “um tempo, tempos e metade de um tempo” (mil duzentos e sessenta anos). Uma vez estabelecida no trono, a Roma moderna governará por simbólicos quarenta e dois meses (também assinalados como “uma hora”).

A irmã White nos informa que "grande parte da história registrada no capítulo onze de Daniel será repetida." Em seguida, ela cita os versículos trinta e um a trinta e seis e diz: "cenas semelhantes às descritas nestas palavras ocorrerão." Nesses versículos, a Roma papal (a abominação desoladora) é "colocada" no trono em 538 e então persegue o povo de Deus por "muitos dias" (mil duzentos e sessenta anos), até que a primeira "indignação se cumpra" em 1798. A história dos versículos trinta e um a trinta e seis se repete nos últimos seis versículos do capítulo onze, mas essa história também foi perfeitamente tipificada nos versículos cinco a nove.

O estabelecimento de Selêuco como rei do norte em 281 a.C. corresponde ao ano 538. Ambos representam a entronização do rei do norte na conclusão da conquista de três obstáculos geográficos. O período do domínio papal é expresso de várias maneiras: mil duzentos e sessenta dias, quarenta e dois meses, tempo, tempos e divisão de tempo, um espaço e três anos e meio. O governo de Selêuco durou trinta e cinco anos, e um décimo, ou um dízimo, de trinta e cinco é três anos e meio. Um décimo de trinta e cinco anos também é expresso como "três vírgula cinco" (3,5) anos. "Três e meio" é um símbolo do período do domínio papal.

O papado recebeu sua ferida mortal em 1798, quando o rei do sul, Napoleão Bonaparte (significando o “filho afortunado”), enviou seu general para levar o papa cativo. Um ano depois, em 1799, o papa morreu no exílio, assim como o primeiro rei do norte, que também havia sido levado cativo pelo rei do sul. Seleuco Calínico morreu ao cair de um cavalo enquanto estava cativo no Egito. O papa é aquele que cavalgava a besta. A besta representava o sistema político que o papa empregava para realizar suas obras satânicas. Essa besta foi abatida em 1798, e o papa que havia cavalgado e reinado sobre a besta morreu um ano depois. Seleuco Calínico morreu caindo de um cavalo (a besta que ele montava). O cativo do papado em 1798 e 1799 foi perfeitamente tipificado pelo cativo do primeiro rei do norte.

O que trouxe a ira do rei do sul sobre o rei do norte foi um tratado de paz rompido, representado pelo afastamento de Berenice (a noiva do sul) e sua subsequente morte às mãos de Laodice. Napoleão havia firmado um tratado de paz entre a França Revolucionária e os Estados Papais em 1797. O tratado recebeu o nome da cidade de Tolentino, em Ancona, na Itália, onde havia sido assinado. Ele terminou oficialmente em fevereiro de 1798, quando a França capturou o papa. A razão pela qual o tratado foi anulado foi o esforço da França para espalhar sua Revolução.

O general de Napoleão, Duphot, estava em Roma em 1797 como parte do corpo expedicionário francês enviado pelo Diretório, o governo que então estava no poder na França. O objetivo da expedição francesa à Itália, que incluía a presença do general Duphot em Roma, era apoiar a

República Romana, um Estado-cliente de curta duração estabelecido pelas forças revolucionárias francesas na Península Itálica. Os franceses estavam ativamente envolvidos em apoiar movimentos revolucionários e difundir ideais revolucionários por toda a Europa nesse período. Na Itália, buscavam derrubar monarquias e estabelecer repúblicas modeladas à semelhança da República Francesa.

A presença e as ações de Duphot em Roma provocaram oposição de facções conservadoras, incluindo apoiadores dos Estados Papais e aristocratas locais. Em dezembro de 1797, durante um confronto entre tropas francesas e apoiadores dos Estados Papais, o general Duphot foi assassinado, estabelecendo-se assim o pretexto para Napoleão enviar o general Berthier a aprisionar o papa no ano seguinte. Um tratado de paz rompido entre os reis do sul e do norte forneceu, em ambas as histórias, a motivação para que o rei do norte fosse levado cativo pelo rei do sul.

O versículo oito diz: “levará também cativos para o Egito os seus deuses, com os seus príncipes, e os seus preciosos vasos de prata e de ouro”. Quando Ptolomeu retornou ao Egito em cumprimento deste versículo, os egípcios lhe deram o título de “Euergetes” (o Benfeitor), como elogio por sua obra de devolver os seus ídolos e artefatos que anteriormente lhes haviam sido tomados pelo rei do norte. Em 1798, teve lugar a pilhagem de Roma pelos franceses. Em um só dia, registram os historiadores que quinhentos veículos puxados por cavalos, sob forte guarda militar, foram vistos deixando a cidade.

A procissão continha um número imenso de esculturas antigas e pinturas renascentistas que a França se apropriava em conformidade com o tratado de paz de Tolentino, já quebrado. Entre essas obras de arte estavam o grupo do Laocoonte, o Apolo de Belvedere, o Gálata Moribundo, Cupido e Psique, Ariadne em Naxos, a Vênus de Médici e as figuras colossais do Tibre e do Nilo; tapeçarias e pinturas de Rafael, incluindo a Transfiguração, a Madonna di Foligno, a Madonna della Sedia, a Santa Conversazione de Ticiano; e muitas outras obras. Somente vários anos depois esses tesouros roubados foram expostos no Musée Napoléonien, no Louvre, que foi aberto em 1807. Assim como Ptolomeu foi celebrado por devolver aos egípcios os seus tesouros, os tesouros levados de Roma foram colocados na parte do museu que recebeu o nome de Napoleão.

Os versículos cinco a nove constituem um paralelo perfeito com a história que se inicia no ano 538 e termina em 1798 e 1799. Eles se alinham com os versículos trinta e um a trinta e seis, o que está representado nos últimos seis versículos do capítulo, os quais descrevem o empoderamento final da Roma moderna ao conquistar três obstáculos e, por fim, chegar ao seu fim sem que haja quem a ajude. O versículo dez, então, trata da história de 1989.

Mas os seus filhos se exasperarão e ajuntarão uma multidão de grandes forças; e um deles certamente virá, transbordará e passará adiante; depois tornará e se exasperará, até à sua fortaleza. Daniel 11:10.

O cumprimento histórico do versículo dez tipifica 1989, quando o papado, em aliança secreta com Ronald Reagan, “transbordou” e “atravessou” a União Soviética, deixando apenas a sua fortaleza (Rússia), à medida que a União Soviética (URSS) se dissolvia no rastro da Perestroika.

E, no tempo do fim, o rei do Sul pelejará contra ele; e o rei do Norte virá contra ele como um turbilhão, com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nos países, e transbordará e passará. Daniel 11:40.

A história do versículo dez representa uma retaliação contra a conquista do rei do norte pelo rei do sul em 246 a.C., e tipifica uma retaliação contra a conquista do rei do norte pelo rei do sul em 1798. O versículo quarenta começou com o tempo do fim em 1798, quando o rei do sul (a França ateia) infligiu a ferida mortal ao rei do norte (o poder papal), e foi cumprido com o colapso da União Soviética no tempo do fim em 1989. O tempo do fim em 1798 está representado no versículo quarenta pela frase: "E, no tempo do fim, o rei do sul investirá contra ele." O sinal de dois-pontos (:) que separa a última parte do versículo marca o próximo "tempo do fim" em 1989. "E o rei do norte virá contra ele como um redemoinho, com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nos países, e transbordará e passará."

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Toda nação que surgiu no palco da história teve permissão para ocupar seu lugar na Terra, para que se visse se cumpriria o propósito 'do Vigilante e do Santo'. A profecia traçou a ascensão e a queda dos grandes impérios do mundo — Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Com cada um desses, assim como com nações de menor poder, a história se repetiu. Cada um teve seu período de prova, cada um falhou, sua glória se desvaneceu, seu poder se foi, e seu lugar foi ocupado por outro. . . .

Da ascensão e queda das nações, como fica claro nas páginas da Sagrada Escritura, é preciso aprender quão sem valor é a mera glória exterior e mundana. Babilônia, com todo o seu poder e sua magnificência, cujo igual o nosso mundo jamais voltou a ver — poder e magnificência que, ao povo daquele tempo, pareciam tão estáveis e duradouros —, como desapareceu por completo! Como 'a flor da erva', pereceu. Assim perece tudo quanto não tem Deus por fundamento. Somente o que está ligado ao Seu propósito e expressa Seu caráter pode perdurar. Seus princípios são as únicas coisas inabaláveis que o nosso mundo conhece. Educação, 177, 184.